

Diferentes graus de relação entre texto e imagem dentro de livros¹

Ricardo Azevedo²

Falar da relação entre textos escritos e imagens dentro de livros é sempre um desafio. Existem muitos e diferentes tipos de texto e muitos e diferentes tipos de imagem e essa multiplicidade torna as coisas bastante complexas.

Diferenciar textos literários criados a partir de preocupações estéticas de, por exemplo, textos jornalísticos, informativos ou publicitários nunca foi tarefa fácil.

O mesmo ocorre com o discurso visual. Quando uma pintura é imagem publicitária, ilustração ficcional, ilustração informativa ou pintura convencional?

As perguntas são inúmeras: existe algum fator que realmente caracterize a literatura – algo como uma “literariedade”? Ou seria o leitor quem de fato determina se o que está lendo é literatura, informação, filosofia, religião, ciência ou qualquer outra coisa? Há algum elemento que nos assegure que tal desenho seja arte? O que é exatamente arte? O que é exatamente literatura? Por que razão o homem faz arte e literatura?

Para manter a discussão no âmbito da relação do texto com a imagem, se partirmos do princípio de que determinado texto é literário – por ser construído a partir da ficção e da linguagem poética – como lidar com o fato de que esse mesmo texto pode ser ilustrado, de forma coerente e satisfatória, por diferentes artistas através de diferentes concepções estéticas por vezes até antagônicas?

Como lidar com o fato de que, em níveis diferentes, toda a ilustração é sempre uma interferência que pode alterar, por vezes dramaticamente, o universo significativo do texto?

Considerando isso, como determinar a “autoria” de um texto escrito e ilustrado? Se há casos em que aparentemente não há motivo para dúvidas, o que fazer com as outras inúmeras situações em que texto e imagem dialogam de forma inseparável, situações que, diga-se de passagem, nem de longe podem ser consideradas casos excepcionais?

O que afinal significa “ilustrar” um texto?

¹ Publicado no Balainho - Boletim Infantil e Juvenil, Ano V, Novembro de 2004, Nº 22 – Joaçaba – SC – ISSN 1678-6629

² Ricardo Azevedo, escritor, ilustrador e doutor em Letras pela Universidade de São Paulo.

Seria reproduzir o que o texto já diz? Seria encontrar e representar uma chave pronta e óbvia apresentada de antemão pelo texto?

Embora tais perspectivas sejam arraigadas e disseminadas, não creio que façam muito sentido. Primeiro porque o texto escrito e as imagens constituem códigos diferentes dotados de recursos peculiares e por vezes incompatíveis. Um exemplo simples: é possível escrever “era uma casa muito engraçada/não tinha teto não tinha nada/ ninguém podia entrar nela não/porque na casa não tinha chão etc.” mas como ilustrar tal texto?. Além disso, textos literários tendem a ser plurissignificativos e possibilitar diferentes leituras o que, em princípio, desqualifica premissas como “mensagem” e “chave única de leitura”, ou seja, não combinam com a idéia de univocidade. Tais noções podem ser apropriadas para obras informativas e didáticas mas não funcionam diante de textos que privilegiam a ficção e a linguagem poética.

Mesmo diante de assunto tão amplo e multifacetado, envolvendo questões que vão desde uma determinação do que seja arte e literatura até problemas específicos de linguagem, gostaria de propor algumas idéias bastante gerais que talvez possam contribuir para uma reflexão e, espero, para uma melhor compreensão do assunto em pauta.

Creio ser possível afirmar que, independentemente de tendências literárias, informativas, didáticas, científicas, religiosas ou de qualquer outro tipo, os livros produzidos e oferecidos pelas editoras podem ser sub-divididos nos seguintes grupos:

1) *livros texto*: livros sem imagens a não ser, eventualmente, uma ilustração de capa. Sua característica preponderante, no ângulo em que estou querendo pensar, é que neles o texto escrito funciona e atua como uma espécie de artista–solo que brilha sozinho e ocupa todos os lugares do livro. Muitas e muitas obras se enquadram nessa categoria e são, em geral, dirigidas ao público adulto;

2) *livros texto-imagem*: livros em que o texto vem acompanhado de imagens, mas essas são nitidamente secundárias. Neles o protagonista principal é, sem dúvida, o texto escrito. Aqui, as imagens, em geral, pequenas ilustrações e vinhetas, atuam como atores coadjuvantes. Em tese, se fossem publicados sem as ilustrações, não haveria grande perda no que diz respeito ao universo significativo do livro pois, no caso, tal universo está predominantemente concentrado no texto escrito.

Há, claro, muitas exceções. É possível, por exemplo, encontrar livros com muito texto e poucas imagens e, mesmo assim, essas ocuparem um papel relevante.

Vale lembrar o caso do *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes. A obra foi publicada no começo do século XVII sem ilustrações. Em meados do século XVIII, foi ilustrada por Gustave Doré. Hoje quando se fala em Dom Quixote a primeira imagem que nos vêm à cabeça são aquelas magistralmente criadas por Doré. Qualquer um que resolva, por exemplo, filmar o Dom Quixote sem utilizar como referência as imagens do grande artista francês, criadas cerca de duzentos anos após a publicação da obra de Cervantes, pode correr o risco de ser acusado de apresentar o cavaleiro da triste figura de forma inadequada, pouco “fiel” ao texto.

Não estou querendo insinuar que o livro de Miguel de Cervantes, uma obra fundamental da literatura, não possa ser lida sem ilustrações, o que seria absurdo. Quero apenas sugerir que, se lida com as ilustrações de Doré, estas, por sua extrema qualidade, passam a fazer parte significativa da obra;

3) *livros mistos*: casos em que texto escrito e imagens dividem em pé de igualdade essa espécie de palco que é o livro. Aqui, ambos são protagonistas e atores principais. Nesse tipo de livro, texto e imagem estão nivelados, são absolutamente complementares e atuam sinérgica e dialógicamente. Pode-se dizer que o “texto” do livro é constituído pela soma do texto escrito e das imagens. Num caso assim, não faz sentido pensar no livro publicado sem o texto ou sem as imagens. Cito dois ótimos exemplos: *O menino maluquinho* de Ziraldo e *Where the wild things are?* de Maurice Sendak. Muitos livros da literatura infantil se enquadram nessa categoria.

4) *livros imagem-texto*: livros em que as imagens vem acompanhadas de textos escritos mas estes são nitidamente secundários. Nessas obras, o conjunto das imagens é, sem dúvida, o protagonista principal. Em livros assim, os textos atuam como atores coadjuvantes. Em tese, se fossem publicados sem os textos, não haveria grande perda no que diz respeito ao universo significativo em questão pois o mesmo está predominantemente concentrado nas imagens.

Naturalmente, é possível encontrar livros com muitas imagens e pouco texto escrito em que este, mesmo assim, ocupe um papel essencial e seja mesmo a razão de ser da obra. Vamos imaginar um livro fartamente ilustrado trazendo frases curtas de João Guimarães Rosa, extraídas do *Grande sertão: veredas*. Por melhores que sejam as imagens, a marca fundamental do texto escrito estará sempre presente

5) *livros imagem*: livros de imagem, sem texto escrito, cujo enredo é criado e construído exclusivamente através de imagens. Sua característica, no ângulo em que

estou querendo pensar, é que neles o conjunto de imagens é o próprio texto da obra, o artista—solo que brilha sozinho e ocupa todos os lugares do livro. Refiro-me portanto a um texto visual. Como comentário, é preciso dizer que tais livros são muitas vezes considerados exclusivamente infantis, destinados a crianças que não sabem ler. Trata-se de um equívoco: os livros de imagem trabalham com uma linguagem riquíssima e podem, inclusive, ser dirigidos especificamente ao público adulto.

O esquema proposto, reconheço, é bastante esquemático e redutor. Serve apenas como um modelo para pensar. As fronteiras entres os grupos de livros apontados acima nem sempre são claras e, por vezes, são até inexistentes.

Levar em conta a existência, dentro de livros, de diferentes graus de relação entre o texto escrito e as imagens pode, apesar disso, contribuir para uma melhor compreensão desse território rico e complexo que é o livro ilustrado.